

**A IMPRENSA, O IMAGINÁRIO SOCIAL E AS MANIFESTAÇÕES URBANAS**

A Cidade da Parahyba do Norte no início do Século XX

Paula Dieb Martins

Universidade Federal da Paraíba

pauladieb@hotmail.com

Maria Berthilde de Moura Filha

Universidade Federal da Paraíba

berthilde\_ufpb@yahoo.com.br

[...] Enquanto as representações do imaginário social confluíram para uma recriação dos mitos fundadores da nossa história e para uma ruptura com o próprio tempo histórico, no desprezo pelo passado (tradições) e definição do presente como institucionalizador da nova sociedade, as representações da imagem da cidade fixaram-se numa bem articulada cenografia urbana da qual fazem parte a arquitetura, a engenharia, as reformas urbanísticas, o traje, a pose, a fotografia. (PECHMAN, 1993, p.40)

Sendo as cidades, reconhecidamente associadas às idéias de civilização e progresso - dominadas desde o século XIX - *A Imprensa, o Imaginário Social e as Manifestações Urbanas* aborda o papel da imprensa no desenvolvimento e na formação do imaginário social e sua relação com o ambiente urbano no período compreendido entre 1916 e 1920 na cidade da Parahyba do Norte, tendo como base a pesquisa em periódicos da época que eram produzidos e distribuídos na capital paraibana. Busca-se visualizar os problemas urbanos enfrentados, as solicitações da população quanto aos melhoramentos e serviços essenciais para enfrentar a nova realidade urbana gerada pelo contexto local, bem como pela pressão de fatores diversos, vindos para além dos limites do Estado da Parahyba.

## CONTEXTO HISTÓRICO

O período que compreende o final do século XIX e início do século XX corresponde, para a história do Brasil, a uma nova fase onde o recém instaurado governo republicano enfatiza ainda mais as aspirações à ordem e ao progresso - ideais que já vinham sendo difundidos desde o final do Império. Tem-se início, então, um período de transformação das grandes cidades brasileiras, com a negação do passado colonial - que era visto como sinônimo de atraso - e com a visão da cidade como um espaço de representação da prosperidade política e econômica e, da modernização e civilização (MOURA FILHA, 2000).

A crise colonial fez com que a elite nacional tomasse como modelo a cultura européia, sendo as reformas urbanas de Haussmann em Paris o grande modelo de modernização e embelezamento do meio urbano. Com base nele, o Rio de Janeiro, governado por Pereira Passos, inaugura uma escola de urbanismo brasileira – fundamentada nos ideais de embelezamento, ordenamento e saneamento - que passa a ser um exemplo e modelo a ser adotado por muitas cidades brasileiras no início do século XX (PETTI, 1998).

A região Nordeste brasileira, apesar da distância geográfica em relação ao Rio de Janeiro, teve muitas de suas cidades reformadas de acordo com os ideais de modernização e progresso (MOURA FILHA, 2000).

A capital da Paraíba, no início do século XX, passou a se beneficiar com a cultura e comercialização do algodão e, a abertura do país ao comércio internacional, promovendo relações diretas da capital paraibana com países europeus. Desta maneira, a prosperidade econômica favoreceu o seu crescimento, ampliando suas atividades internas e atraindo a população rural para o meio citadino (TRIGUEIRO, 2002).

A preocupação com o *embelezamento, ordenamento e saneamento* do meio urbano esteve muito presente nos governos paraibanos a partir da primeira década do século XX (VIDAL, 2004). Neste período, houve a criação de uma repartição pública de

higiene, a execução de projetos de infra-estrutura, o investimento no ensino e formação dos cidadãos, entre outras ações.

No início do século XX, a economia brasileira passou por uma série de transformações que resultaram em um momento de acelerado desenvolvimento devido, principalmente, a Primeira Grande Guerra (1914-1918) (BELLO, 1976).

A Paraíba - assim como muitos estados brasileiros – foi atingida pelos efeitos da Primeira Guerra. Seus impactos foram sentidos principalmente na economia, onde as importações de variados produtos impediam o pleno desenvolvimento das cidades. Entretanto, a transformação dos aspectos de sua capital ocorreu de maneira lenta e pontual, visto que a mesma, devido ao crescimento proporcionado pela comercialização do algodão, passou a assumir uma posição de centro administrativo e comercial.

A cidade está passando por uma completa remodelação material. Os melhoramentos até aqui realizados muito têm concorrido para o embelezamento de nossa <urbs>. Pelo menos, a cidade vive, pouco a pouco, mudando de aspecto. [...] (Correio da Manhã, Parahyba do Norte, 18 abr. 1918)

#### CAMILLO DO HOLLANDA E A PARAHYBA DO NORTE

O período de 1916 a 1920 na Parahyba teve sua administração atrelada à figura política de Francisco Camillo de Hollanda, que sucedeu Solon de Lucena no cargo de presidente do Estado.<sup>1</sup> A permanência de pouco mais de três meses de Solon de Lucena nesta função limitou a sua atuação na cidade, estando o governo anterior ao de Camillo de Hollanda mais relacionado às medidas tomadas por Castro Pinto<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Em relação à administração municipal, os anos de 1916 a 1920 tiveram os seguintes representantes na cidade da Parahyba: José Bezerra Cavalcanti, desde 1912 até maio de 1916; Demócrito de Almeida, de maio a outubro de 1916; Antônio Pessoa Filho, de outubro de 1916 a maio de 1917; Diógenes Gonçalves Pena, de janeiro de 1918 a outubro de 1920; e Walfredo Guedes Pereira, de outubro de 1920 permanecendo até o ano de 1924 (GUEDES, 2005).

<sup>2</sup> Solon de Lucena foi o sucessor de Castro Pinto, substituindo-o por motivos de saúde e ficando por pouco tempo na representação de tal cargo (de 1 de julho a 22 de outubro de 1916).

Assim, durante esses anos, o governo de Camillo de Hollanda caracterizou-se como uma administração voltada para o desenvolvimento e modernização da cidade, com a efetivação de numerosas intervenções tanto urbanas quanto sociais, pois, para ele, o progresso da cidade estava vinculado à instrução pública inerente à população, já que esta é em parte responsável por modificar diversas questões da urbe, como a saúde e a higiene pública.

As atitudes tomadas durante o seu governo causavam admiração na população do Estado, inclusive naquela parcela representativa de meios de comunicação da época, que tinha potencial para influenciar os cidadãos. Desse modo, estabelecia-se uma relação entre as ações realizadas pelos governantes, a reação da população a tais intervenções e a maneira como a imprensa tratava e representava essa situação, possibilitando relatar o cenário da cidade através de notícias dos jornais da época.

#### A IMPRENSA FRENTE ÀS QUESTÕES URBANAS

Desde o final do século XIX, na Parahyba do Norte, verifica-se uma imprensa local com o papel de intermediador entre a população e o poder público, apontando os problemas, requerendo e cobrando melhoramentos para a cidade.

Ao longo das edições dos jornais em estudo, verificou-se um significativo número de notícias fazendo referência a diversas solicitações feitas pela população. Nesse contexto, eram recorrentes notas sob o título “Com a prefeitura”, as quais faziam menção a problemas como: atraso na remoção e no transporte de lixo, calçamentos danificados, ruas invadidas por vegetação, entre outros.

[...] A cidade ahi está – cheia de sargetas infectas, povoada de cães vagabundos, com ruas esboracadas e sujas de lixo, com cascas de fructas e tudo mais que familias e garôtos costumam sacudir das janellas.[...] Novos edificios são construidos á revella da prefeitura, que não impõe medidas comesinhas quanto

á hygiene, á esthetica e ao próprio alinhamento das futuras ruas.  
[...] (Diario do Estado, Parahyba do Norte, 22 mar. 1916)

As notícias coletadas informam a existência de uma repartição oficialmente responsável por tratar dos assuntos referentes à saúde pública na cidade, a *Directoria de Hygiene*. Embora tivesse autoridade para discernir e apontar diretrizes nos assuntos concernentes à salubridade pública, o parecer final, em muitas vezes, ficava subjugado a acordos políticos e infundados.

Para ilustrar esse pensamento, tem-se uma nota extraída do Diario do Estado, apresentando uma solicitação da população feita através de um abaixo assinado no qual se manifestava a intenção de impedir a instalação de uma fábrica de bebidas na rua Barão da Passagem. A presença de material inflamável, o forte odor decorrente da fermentação e, principalmente, a ausência de esgoto, legitimava as reivindicações da população. Em suas intenções, enfatizava-se também a ciência de uma lei municipal que proibia a existência de qualquer fábrica ou oficina em rua que predominasse o uso residencial, fundamentando assim a idéia de que aquele empreendimento não se inseria no contexto local. A partir desses dados, a *Directoria de Hygiene*, em seu parecer, recomendou a instalação da fábrica “em outro local da cidade mais apto a expansão industrial”. (Diario do Estado, Parahyba do Norte, 28 nov. 1916)

Na edição posterior, por sua vez, o Dr. Lima Filho, proprietário do sobrado de nº 132 na rua Barão da Passagem, faz uma queixa com referência à repartição de hygiene, colocando em questionamento a sua autoridade:

[...] Rogo-vos a gentileza de dar publicidade as seguintes linhas:  
Tendo requerido a Prefeitura, quando a exercia o dr. Democrito d’Almeida, reclamando providencias contra a instalação de uma fabrica de bebidas, na rua Barão da Passagem, nº 130. [...] As ponderações que fiz ao alludido prefeito, foram submetidas ao criterio da repartição da hygiene, cujos conceitos incontestaveis firmaram a necessidade da prohibição que requeremos. Os

interessados, porem, solicitaram a interferencia e valimento de um sr. deputado estadual que infelizmente, agiu para que fosse atendido o desejo do proprietario da fabrica, procurando destruir o parecer dos medicos da hygiene, com um attestado do medico da Prefeitura, que não chegou à publicidade. [...] (Diario do Estado, Parahyba do Norte, 01 dez. 1916)

Certamente, não só a Prefeitura da cidade da Parahyba era alvo das críticas feitas pelo *Diario do Estado*. De maneira opositiva também ao governo estadual, esse jornal trazia a público as iniciativas empreendidas pelo poderio que, muitas vezes, apresentava atitudes preocupadas com interesses pessoais em detrimento dos interesses da população.

Pode-se dizer que, na Parahyba do Norte, o conceito de modernidade se configurou, principalmente, pelos “signos de modernidade” imbuídos ao imaginário social através do contato com a realidade das outras cidades brasileiras e, ainda, do exterior. Esse contato se deu pelas notícias que chegavam às redações dos noticiários locais ou, ainda, pelos relatos dos cidadãos em suas viagens. (ARANHA, 2003, p. 87 apud GUEDES, 2006, p. 77)

Dessa forma, a capital paraibana se mostrava inserida na realidade das outras cidades, tanto pelo conhecimento das causas e dos fatos quanto pelo anseio da modernização que esse conhecimento motivava. Algumas notícias retiradas dos jornais em estudo podem atestar essa tendência, como pode ser lido na edição de 05 de janeiro de 1916 do *Diario do Estado*: “O Museu Social de Barcelona tomou a iniciativa de construir legalmente a Sociedade Civica - *La Ciudad Jardim*”.

Através da leitura de tal proposta, verifica-se a manifestação dos intelectuais da época no sentido de “promover o desenvolvimento e reforma das povoações, segundo planos racionaes e methodicos, que assegurem no presente e no futuro, sua hygiene, sua belleza e sua efficacia, como instrumento de progresso social e econômico” (Diario do Estado, Parahyba do Norte, 05 jan. 1916).

Era comum também aos cidadãos paraibanos daquela época comentar a respeito das impressões obtidas em suas viagens, comparando as situações visualizadas àquela encontrada na sua cidade. Outro artigo publicado no *Diario do Estado*, escrito por um membro da sociedade local, revela sua percepção a uma visita realizada à cidade de Fortaleza. O autor comenta a necessidade de uma mudança no que se refere ao serviço de remoção de lixo, tomando como exemplo aquele oferecido na capital cearense: “Penso que a Prefeitura devia tomar na devida consideração a mudança da hora [da coleta] imitando, portanto, os centros mais adiantados, [...] o que redundaria em beneficio da população obrigada a respirar pelas ruas da cidade o nauseabundo cheiro das carroças infectas.” (Diario do Estado, Parahyba do Norte, 04 jul. 1916)

A mesma imprensa que requisitava mudanças urgentes para a cidade, como forma de se adequar às novas necessidades e aspirações da sociedade moderna, também apresentava expectativa com o governo de Camillo de Hollanda - empenhava-se nele a responsabilidade de fazer a Parahyba despertar para o progresso e, já no primeiro mês em exercício, a imprensa de oposição noticiava as ações de Camillo, sugerindo idéias a partir de experiências desenvolvidas em outras cidades.

Com o ajardinamento que se está fazendo na praça da Independencia, vai ser dotada a nossa metropole de mais um logradouro publico. Logo ao assumir o governo, o sr. dr. Camillo de Hollanda teve a bôa idéa de mandar melhorar o referido trecho da cidade, que estava de ha muito, abandonado pela prefeitura. Consta-nos que o sr. presidente do Estado está disposto a transformar aquelle sitio, tornando o um dos pontos mais aprasiveis desta capital, com lindas flôres, canteiro á carioca, etc. [...] (Diario do Estado, Parahyba do Norte, 21 nov. 1916)

A modernização da cidade nessa época não se restringiu aos espaços públicos, tendo, portanto, também se consumado no plano da arquitetura. A esse respeito, verifica-se a

imprensa local noticiando a chegada dos arquitetos Paschoal Fiorillo e Hermenegildo Di Lascio, já no ano de 1916. Imprimia-se a esta notícia a idéia do novo pensamento vigente, afim de que, nas edificações novas, construídas ou reformadas, fossem “melhor consultados os interesses comuns quanto á esthetica, hygiene e conforto - de que tanto se ressentem as nossas coloniaes habitações”. (Diario do Estado, Parahyba do Norte, 05 nov. 1916)

#### A REALIDADE DA CIDADE ATRAVÉS DAS NOTÍCIAS

A Parahyba atravessa uma crise aguda de reconstruções e construções, da qual parece que ha de sahir mais bella, mais asseada e talvez menos bisonha para, nestes tempos de muita guerra, darmos á phrase o cunho barbaro das casernas. Mas como a todo doente que convalesa, os cuidados lhe são agora do mais a mais precisos. [...] (Correio da Manhã, Parahyba do Norte, 05 jun. 1917)

A situação em que se encontrava a cidade da Parahyba, contada através da imprensa no início do século XX, pode ser vista sob duas visões diferentes, uma vez que ela estava geralmente relacionada aos partidos políticos da cidade. Enquanto o jornal Correio da Manhã, representando a situação, enfatizava as ações do poder público para sanar os problemas da cidade, o jornal Diario do Estado, filiado aos partidos de oposição, acusava a inércia do poder público e dava espaço às reclamações da população.

A freqüente ocorrência de notícias que tratam das questões de hygiene demonstra o descompasso existente entre as medidas tomadas pelos governantes e a posição da população a tais mudanças, embora tal pensamento já começasse a ser tratado pela imprensa.

A nossa Felippéa ostenta um pessimo estado hygienico e sanitario, que não é unicamente devido ao descuro individual e do poder competente. [...] A nossa urbs se acha referta de aguas

estagnadas de que se exhalam miasmas sem conto, a coadjuvar a lenta devastação das populações pobres, principalmente, onde impéra a endemia do impaludismo. [...] Ajunte-se a isso a falta de aparelhos sanitarios convenientemente installados, desprendendo-se das sentinas domesticas numerosos gazes que sobremodo corrompem o já vicioso ar [...]. (Correio da Manhã, Parahyba do Norte, 05 abr. 1917)

E' de absoluta urgencia chamar a atenção do sr. prefeito, municipal cel. Antonio Soares de Pinho, para o perigo que se acha ameaçada a cidade com a matilha de cães vadios que a infestam [...]. (Diário do Estado, Parahyba do Norte, 14 fev. 1917)

Apesar do atraso da população, Camillo de Hollanda promoveu diversas intervenções na cidade, com obras para o melhoramento do ambiente urbano. Seus anos de governo foram marcados pela realização de diversas obras públicas que representavam aspectos de modernidade para a Parahyba, as quais eram tratadas até mesmo pelos jornais de oposição da época – embora estes abordassem a intervenção de maneira mais negativa:

De alguns dias a esta parte uma turma de trabalhadores está *reparando* os defeitos do calçamento da rua Duque de Caxias – uma lastima esse serviço! [...] A companhia de bondes, no assentamento dos primitivos trilhos, foi a primeira a estragar o bello calçamento. Depois, seguiram n'ó nessa impatriotica tarefa, o assentamento dos novos trilhos e o serviço do abastecimento d'agua. Agora, são os *reparos* que o estão estragando mais. O calçamento já não tem nada daquella belleza de outr'ora – regularidade no alinhamento dos paralelepipedos, pedras todas inteiras, etc. (Diario do Estado, Parahyba do Norte, 26 jan. 1917)

As medidas de ordem pública tomadas por Camillo de Hollanda abrangiam diversos aspectos: condições de higiene; reforma de praças, construção de novos grandes prédios educacionais e institucionais; entre outros. Além dessas, a proposta de demolição de edifícios também foi uma medida adotada por ele, a fim de eliminar das vias públicas aquelas edificações consideradas feias e inadequadas para o progresso pelo qual a cidade estava passando, como relatado através de duas visões diferentes:

Applaudimos devéras a resolução feita do illustre presidente do Estado mandando desapropriar e demolir um grupo de casas que afeavam a mencionada rua [Maciel Pinheiro]. Uma grande dificuldade, porem, ha de surgir quando se tratar do alinhamento das novas construcções em vista das tortuosidades que o trecho contiguo apresenta e tambem o que lhe fica defronte [...]. (Correio da Manhã, Parahyba do Norte, 15 fev. 1917)

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AGUIAR, Wellington e OCTÁVIO, José. Uma cidade de quatro séculos – evolução e roteiro. João Pessoa, a Uniao, 2ed. 1989.

BELLO, José Maria. História da República. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

GUEDES, Kaline. A.. Dissertação Mestrado - O Ouro Branco abre caminhos: O algodão e a modernização do espaço urbano da Cidade da Parahyba (1850-1924).

MOURA FILHA, Maria Berthilde. Embelezar a cidade: a concepção de um novo padrão estético para as cidades brasileiras no século XIX e início do século XX. In: VI

---

Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 2000, Natal. Anais do VI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 2000.

PECHMAN, Robert Moses – Um olhar sobre a cidade: Estudo da Imagem e do Imaginário do Rio na formação da modernidade. SHCU II, 1993.

PINHEIRO, Eloísa Petti. A “Hausmannização” e sua Difusão como Modelo Urbano no Brasil. SHCU V, 1998.

TRIGUEIRO, Oswaldo. A Paraíba na Primeira República. João Pessoa: A União, 1982.

VIDAL, Wyllyna Carlos Lima. Transformações urbanas: a modernização da capital paraibana e o desenho da cidade, 1910-1940. João Pessoa, 2004. Dissertação de Mestrado em Engenharia Urbana – Universidade Federal da Paraíba.